



Nome: _____

DIA _____ Curso: _____

Matrícula: _____ Período: _____

PROVA TIPO 2 Sala: _____

LIVRO: *A Vergonha*

AUTOR: Annie Ernaux

1. Na obra *A Vergonha*, Annie Ernaux reflete sobre como a religião, especialmente o catolicismo, ocupava na sua infância uma função formadora e disciplinadora, em substituição a outros capitais culturais e educacionais aos quais sua família não tinha pleno acesso. Considerando essa relação, qual alternativa expressa de forma mais precisa o papel da religião na experiência de Ernaux?

- a) a religião surge como fonte de consolo espiritual, destacando-se pela sua autonomia em relação ao saber e à cultura, funcionando como um espaço paralelo ao ensino formal.
- b) a religião é retratada como substituto completo do saber, eliminando a necessidade de instrução formal ou de práticas culturais seculares
- c) Ernaux apresenta a religião como elemento exclusivamente repressivo, que impede qualquer possibilidade de formação cultural fora de seus dogmas.
- d) a experiência religiosa é descrita como irrelevante, apenas mais uma prática cotidiana sem maiores implicações na formação de sua visão de mundo.
- e) a religião aparece como um dos poucos instrumentos de ascensão cultural, vinculada ao prestígio e à ideia de “boa educação”, compensando a ausência de capital escolar na família.

2. Sobre a relação entre memória e narrativa em *A Vergonha*, é correto afirmar:

- a) a memória é apresentada como uma gravação fiel dos acontecimentos, sem lacunas.
- b) o livro prioriza apenas o presente, sem revisitar o passado da narradora.
- c) Ernaux adota uma perspectiva universalista, apagando seu ponto de vista pessoal.
- d) a autora assume que a memória é fragmentada e sujeita às marcas do tempo e da subjetividade
- e) a memória aparece como neutra e imparcial, desvinculada da construção literária

3. Texto de apoio:

“A linguagem não é a verdade. Ela é a nossa forma de existir no universo.” (Paul Auster, epígrafe)

Ernaux abre o livro com essa frase, sugerindo que a escrita não busca a transparência da lembrança, mas o gesto de existir por meio das palavras. Com base nessa epígrafe, pode-se afirmar que, em *A vergonha*, a escrita é entendida como:

- a) um instrumento de disfarce e distorção do real.
 - b) a representação literal da verdade vivida.
 - c) **uma forma de reconstruir e dar sentido à experiência.**
 - d) uma linguagem emocional sem reflexão racional.
 - e) um artifício estético sem função ética.
4. A “vergonha” da narradora não é apenas pessoal, mas socialmente moldada. Em relação ao gênero, o que essa vergonha revela?
- a) a vergonha funciona como um código coletivo que limita igualmente homens e mulheres em seus comportamentos.
 - b) a vergonha é resultado exclusivo de traumas familiares, sem ligação com valores sociais de gênero.
 - c) a vergonha só se manifesta nas mulheres, nunca nos homens, por causa da diferença biológica.
 - d) **a vergonha atua de modo assimétrico, pois as mulheres eram cobradas por pureza, recato e obediência, enquanto os homens mantinham liberdade e autoridade.**
 - e) a vergonha é um sentimento passageiro, incapaz de estruturar a identidade feminina ou masculina.

5. Texto de Apoio:

“Meu pai tentou matar minha mãe num domingo de junho, no começo da tarde. Eu tinha ido à missa das 11h45, como sempre fazia. [...] Na adega mal iluminada, meu pai agarrava minha mãe pelos ombros, ou pelo pescoço. Na outra mão, segurava a pequena foice de cortar lenha.”

A cena inicial do livro marca o ponto de partida da memória de Ernaux. Considerando o papel desse episódio, o evento representa:

- a) **a origem de um sentimento de vergonha que estrutura a identidade da narradora.**
- b) a metáfora de uma sociedade francesa em transformação.
- c) um trauma isolado, superado pela autora na vida adulta.
- d) a ruptura definitiva com a mãe e a infância.
- e) um artifício literário para introduzir o tema da violência doméstica.

6. **Texto de apoio:**

Na crônica “Annie Ernaux é literatura?”, publicada na *Folha de S.Paulo* em 2025, Tati Bernardi comenta um debate acalorado nas redes sociais sobre o valor literário da escritora francesa Annie Ernaux, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura. A autora do texto ironiza o preconceito de leitores e críticos que desvalorizam escritores voltados à experiência íntima, emocional e cotidiana. Bernardi lembra que vários autores hoje consagrados — como Hilda Hilst, Clarice Lispector, Nelson Rodrigues e Marguerite Duras — também foram chamados de “vulgares”, “místicos” ou “históricos” por desafiarem padrões morais e estéticos. Ao final, conclui que, se essas vozes marginais não forem consideradas literatura, talvez o melhor seja “não ser literatura”.

(Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatibernardi/2025/09/annie-ernaux-e-literatura.shtml>.)

Em *A Vergonha*, Annie Ernaux transforma uma lembrança traumática da infância — o dia em que seu pai tentou matar sua mãe — em narrativa literária. A partir do texto de apoio e da leitura da obra, explique de que modo Ernaux converte a experiência pessoal e banalizada em literatura, e por que isso desafia os modelos tradicionais de “grande arte”.

Em *A Vergonha*, Annie Ernaux transforma um acontecimento íntimo — o trauma vivido aos doze anos — em um texto literário que vai além da confissão pessoal. Ao narrar o episódio com um olhar analítico e sociológico, ela transforma a memória individual em documento coletivo, revelando as marcas de classe, gênero e moralidade de sua época. Assim, sua escrita questiona os critérios elitistas de “grande literatura”, valorizando a experiência comum como fonte legítima de conhecimento e criação estética. Como observa Tati Bernardi, Ernaux representa uma literatura que rompe fronteiras entre o pessoal e o social, o íntimo e o político.

7. Texto de apoio:

“Quando completo 12 anos, já tenho os primeiros volumes da coleção de Brigitte, de Berthe Bernage [...] Sob a forma de um diário, eles narram a vida de Brigitte: noiva, casada, mãe e avó.” (P. 64)

O fragmento acima, retirado da obra *A Vergonha*, indica os caminhos socialmente esperados para mulheres naquele contexto. Com base na leitura do livro, **analise** como Annie Ernaux articula a moralidade religiosa à socialização feminina.

Annie Ernaux em *A Vergonha* demonstra que a socialização feminina na França da sua infância estava profundamente marcada pela moralidade religiosa, que orientava tanto o comportamento quanto as expectativas sociais das meninas. A autora mostra que meninas eram educadas para internalizar normas de recato, obediência e cuidado com a reputação, muitas vezes vinculadas a sentimentos de vergonha e culpa.

O trecho citado sobre a coleção de Brigitte evidencia a construção desses caminhos “pré-determinados” para mulheres: ser noiva, esposa, mãe e, depois, avó. Ernaux articula a influência da religião como mecanismo de imposição de papéis sociais, reforçando a ideia de que a vida feminina ideal é moldada por padrões morais e sociais rígidos.

Um exemplo de citação da obra que pode ser usada como justificativa:

“Para minha mãe, a religião faz parte de tudo o que é elevado — o saber, a virtude, a moral; a vergonha era a ferramenta que mantinha as meninas nos limites certos” (P.62)

“Brigitte encarna o modelo da verdadeira jovem. Ela é modesta, despreza os bens materiais e vive num mundo em que as pessoas têm uma sala espaçosa e um piano, jogam tênis, vão a exposições, salões de chá, ao parque Bois de Boulogne. Em que os pais nunca brigam.” (P. 64)